

Recolha exhaustiva dos vinte livros de poesia publicados por Ruy Cinatti entre 1941 e 1984, com edição de Luis Manuel Gaspar, que também faz a revisão, de Joana Matos Frias, que lhe acrescenta um prefácio, e de Peter Stilwell, que apresenta uma cronologia. É o primeiro volume da obra completa do autor, a que se seguirá o dos livros de poesia póstumos, inéditos e dispersos. É impressionante nas suas mais de 1400 páginas, o que, para além do seu inestimável valor enquanto organização editorial de uma obra que é das mais importantes do século XX português, oferece ao leitor a possibilidade de uma leitura seguida de quarenta e três anos de poesia, iniciados num momento de renovação intensa com os *Cadernos de Poesia* que junta Cinatti a dois nomes principais e maiores: Jorge de Sena e Sophia de Mello Breyner Andresen.

De notar a dificuldade intrínseca em editar um autor que inventa muitas vezes a forma das suas palavras ou da sua sintaxe. Poesia elíptica, deliberadamente antilírica, pode, por exemplo, lançar mão do procedimento da montagem como um modo de escrita preferencial (a que num certo momento chama “Divertimento Contrapontístico”, e noutra “Discurso Dialéctico”). Usa, ainda, vocabulário científico, botânico, etnográfico ou geográfico que ajuda a desenhar uma vontade fortemente referencial. É o “imagismo” de Cinatti, devedor dos seus mestres Eliot e Cesário Verde, e é especialmente notável nos livros sobre alguns países do império colonial português – Angola, Cabo-Verde, Timor, São Tomé e Príncipe.

As palavras trazem imagens, mas é nos interstícios das palavras que às vezes surgem, como se fossem despertadas pela própria dificuldade de as tornar visíveis, por serem tantas, tão fortes e luminosas. É como se fossem imagens convocadas, mais do que descritas segundo qualquer código realista.

Os poemas muito curtos sobre Timor, por exemplo, não pintam, não querem pintar paisagens, embora haja imagens muito nítidas, que são quase-fotografias de cores vivas, minerais, químicas, transparentes. Nem sequer querem entretecer linguagens que tenham ligação a uma terra determinada num momento concreto da história, embora haja expressões, nomes próprios e dizeres que se sabe terem a ver com uma experiência histórica da linguagem. Mas o que se lê melhor é o modo como o amor de um homem por uma terra toma forma. Trata-se, verso a verso, de uma viagem por dentro, em flashes sucessivos, que atravessam os olhos, os ouvidos e o coração, numa fala segregada por uma cabeça que tem alguma coisa de uma religiosidade exótica, gentia. É um intervalo no catolicismo apaixonado do autor. É um espaço outro, pintado pela estranheza e pela maravilha, como se a compreensão e a comunicação devessem passar exclusivamente por qualquer coisa de afectivo, sensorial e sensual.

Por outro lado, a obra de Ruy Cinatti desenvolve-se ao longo do último capítulo da história de um império que acaba mal. É uma reflexão sobre o mundo do império português já depois de se ter tornado evidente a sua decadência última. Este poeta “nómada” é um antropólogo e um historiador, mesmo que encontre o seu lugar por excelência perante Deus. Os seus

mundos poéticos são Cabo Verde, Timor, Angola e São Tomé e Príncipe. E Lisboa, e Portugal. Não cita Pessanha, porque ele não é um “nómada” do exotismo ou do Oriente concebido como uma torre de marfim, mas cita Cesário Verde que é um lisboeta, e cita também mais que uma vez Alberto Osório de Castro, que é um africanista e um viajante dos mares do sul como ele, e escreve o primeiro livro de um poeta sobre *A Ilha Verde e Vermelha de Timor* (1943). Alberto Osório de Castro é um precursor directo. A forma poema+prosa ou poema+nota que é típica do último Cinatti é semelhante ao que já se lê em *Flores de Coral*, em 1908. E Cesário Verde e Osório de Castro são poetas da viagem e do concreto.

De resto, esta poesia é História no estado puro, aquele em que se grava a linguagem de um tempo. Quase no sentido da *pop art*, como quando faz referencia aos Beatles, ou, no mesmo livro *Memória Descritiva*, de 1971, quando se refere a chegada à Lua em directo pela televisão. Aí, as figuras dos “astro-estrelantes” (p. 716) aparecem como imagens vistas, recebidas, mas tão intimamente que o poeta parece ter alunado com eles. Ou aterrado, talvez, pois o verdadeiro combustível da sua viagem é a angústia, uma angústia fina de alguém que sabe da impossibilidade de conhecer tudo, de dar a volta ao mundo. Finalmente, a viagem à Lua aparece como uma espécie de operação de auto-conhecimento. Tudo se passa num interior tripulado por um homem, tão amplo e aberto como um mar mas irremissivelmente limitado pelas suas margens.

É também uma poesia que se altera muito com o tempo: *Sete Septetos*, em 1967, é de um apuro rítmico inteiramente singular se comparado com os três livros iniciais; *Borda d’Alma*, de 1970, inaugura um novo período em que se trata de “história contemporânea”, título que se torna recorrente, e que é caracterizado por uma nova fluidez rítmica na construção, e que tem em *Memória Descritiva*, de 1971, ou em *Paisagens Timorenses com Vultos*, de 1974, modos altos da imagem clara e emocionada, que pode ser desenvolvida num conhecimento de experiência feito mas também expõe os caminhos interiores, entre a consciência individual e as linguagens que a atravessam, diferentes e entrelaçadas, distintas entre si mas jogadas e combinadas num novo texto musical e visual.

Em 1974, nova alteração com *Cravo Singular*: uma poesia que muda profundamente depois do 25 de abril – uma queda abrupta nas histórias da política dia a dia, e, concretamente, passando a colocar a data de modo explícito em todos os seus poemas, como se o aspecto diarístico da poesia, ao mesmo tempo memória e testemunho, passasse para primeiro plano.

E a poesia única, enfim, publicada em *56 Poemas*. Ponto culminante de uma arte que extravasa todos os limites que a sua prática anterior cuidadosamente fora desenhando. Ponta de um icebergue, também, pois esses 56 são apenas exemplos de uma produção vasta, passando por muitos poemas distribuídos à mão, nos últimos anos da sua vida. São de um misticismo particular, sem paralelo na poesia contemporânea, e têm a ambição de falar dos grandes temas com exactidão e simplicidade. Apenas podem ser comparados a poucos livros do século XX – com a altura de *Pena Capital*, *19 Recantos* ou *Livro Sexto*.

Aliás, a simples leitura global desta obra publicada completa mostra com evidência que Ruy Cinatti é um dos raros poetas modernos à altura de

Camões, sobretudo pela carta sismográfica que os seus versos constituem das derivas da História, no que ela tem de portuguesa, mais os seus prolongamentos orientais e africanos. Ele é como um Garcia da Horta que tivesse lido António Nobre e, sobretudo, Álvaro de Campos (tão audível, por exemplo, em poemas como “Em Penúltima Análise”, “It’s Christmas Everywhere!” ou “Moeurs Contemporains ou o Imbecil Quotidiano”).

O’Neill é o mais referido, o próximo, o que serve de interlocutor (“Contra os Monopólios Poéticos”). Próximo também, às vezes, de Cesariny, como de Sena, e menos de Sophia, mas sem que tais ressonâncias representem qualquer confusão de estilo e muito menos de voz, pois a poesia de Cinatti nunca abandona as suas cerimónias características, o seu ar desacertado de todas as convenções, as suas rapidíssimas mudanças de ritmo. Muito próximo também é Cesário Verde. Proximidade que resulta de uma dicção menos marcadamente “lírica” e mais perto daquele falar coloquial e comum que já Wordsworth nas *Lyrical Ballads* dava como ideal.

Estas algumas das considerações de um leitor privilegiado pela possibilidade, aberta por esta cuidada edição, de ler de fio a pavio uma aventura de 43 anos, em versos que formam eles mesmos uma viva paisagem essencial.